

SUBSÍDIO 2 DA PALESTRA IA E SUBJETIVIDADES

PARTE 2

O CREPÚSCULO DA SOCIEDADE DISCIPLINAR

Segundo BCHAN, após *Vigiar e Punir* (1975), Foucault se deu conta que a Sociedade Disciplinar não refletia de forma exata o seu tempo. Passou a estudar as formas de governo neoliberais (O nascimento da biopolítica). Mas nunca se despreendeu do conceito de população e da biopolítica. Não fez a virada para a psicopolítica. Concentrou-se na racionalidade política neoliberal.

Agamben (1942-) diz que Foucault não teve tempo de aprofundar as implicações do conceito de biopolítica.

A biopolítica está associada ao corporal e biológico... Trata-se de uma política dos corpos. No texto " O Nascimento da Medicina Social" , Foucault afirmava : "o corpo é uma realidade biopolítica".

Algumas considerações de Foucault, no curso "Segurança, Território e População", enquanto lecionava no College de France. Estão aqui organizadas por Silvana Tótora, autora de "Velhice: uma estética da existência", Educ-SP, 2015, p.64-66.

"Segundo Foucault, desde o século XIX, os regimes de verdade e as relações de poder se apropriam dos corpos, não para confiscar suas forças, mas sim para discipliná-las, ordená-las e majorá-las: as relações de poder do tipo disciplinar produzem corpos individualizados, classificados e hierarquizados sobre intensa vigilância. A esse poder disciplinar crescem-se novas tecnologias de gestão da vida, as biopolíticas da população. Ambos, embora difiram em seus alvos e mecanismos empregados, complementam-se.

Antes de causar a morte, as estratégias do biopoder visam gerir a vida da espécie humana. (...) a sujeição dos corpos (poder disciplinar) e o controle da população (biopoder) configuram uma sociedade normalizadora que resulta do poder sobre a vida."

Podemos notar que o poder disciplinar produz o indivíduo. O biopoder produz tipos de populações.

Em 1976, no texto *Soberania e Disciplina*, Foucault explica que a partir da efetivação da Sociedade Disciplinar somos predominantemente atravessados pelas forças normalizadoras da disciplina, mas também somos ainda atingidos pelos discursos da Soberania (contratos, império da lei). Na prática: ocupamos nossos "devidos e previsíveis lugares" na vida social/institucional, coercitivamente movidos pelas normas. Eventualmente (se necessário), as leis reforçam essa coerção.

Rarissimamente a inibem. Nesse mesmo texto, Foucault reconhece a existência de ideologias, mas se afasta daqueles que acreditam na eficácia poderosa das mesmas (tese comum aos marxistas). Para Foucault, as relações poder-saber impactam a vida de forma que ultrapassa (e muito) a eficiência da disseminação da "ideologia da classe dominante".

O extrato do livro de Silvana Tótoro aponta para um vigoroso processo de dominação da vida: somos produzidos como indivíduos pela tecnologia política disciplinar e organizados como população pelos mecanismos do biopoder.

"Foucault conceitua o biopoder como 'o conjunto dos mecanismos pelos quais aquilo que, na espécie humana, constitui suas características biológicas fundamentais vai poder entrar numa política, numa estratégia política, numa estratégia geral de poder' (2008a, p.3). Por biopoder entende-se o conjunto de mecanismos de segurança que se exercem sobre a população (ibid.) (nota de rodapé, p. 65, livro de Silvana Tótoro, extraída do curso de Foucault "Segurança, Território e População", editado pela Martins Fontes, em 2008.

Nas Sociedades de controle expandem-se numerosos mecanismos de gestão da vida da população, facilmente reconhecíveis na esfera da saúde. Vários tipos de coletividades são instauradas. Intensifica-se o governo das populações.

NEOLIBERALISMO E PSICOPOLÍTICA

Nesse tópico, utilizaremos extratos selecionados por Tharcila Damasceno, do Depto de Psicopedagogia do SEDES, integrante de nossa REDE MATRAGA.

Entre os pensadores que exploram o conceito de NEOLIBERALISMO, destacam-se os franceses Christian LAVAL (1953-) e Pierre DARDOT (1952). Entendem o neoliberalismo como "um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e todas as esferas da vida" (DARDOT & LAVAL, 2016, p.7). DARDOT & LAVAL. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. SP, Boitempo Editora, 2016.

Para além de ser uma ideologia ou uma política econômica, o neoliberalismo é uma "racionalidade", que tem como premissa "a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modo de subjetivação". Ele também pode ser definido como "um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência" (DARDOT & LAVAL, 2016, p.17).

Segundo LAVAL, “Todas as instituições, além da economia, foram afetadas por esta mutação, inclusive a instituição da subjetividade humana: o neoliberalismo visa a eliminação de toda “rigidez”, inclusive a psíquica, em nome da adaptação às situações mais variadas com que o indivíduo depara no trabalho e na vida. Mais que nunca a economia ocupa o centro da vida individual e coletiva, os únicos valores sociais legítimos são a eficiência produtiva, a mobilidade intelectual, mental e afetiva, e o sucesso pessoal. Isso não pode deixar incólume o sistema normativo da sociedade e seu sistema de educação. (LAVAL, 2019, p.39). LAVAL, C. A escola não é uma empresa...SP, Boitempo Editora, 2019.

Segundo BCHAN, O NEOLIBERALISMO, COMO MUTAÇÃO OU COMO EVOLUÇÃO DO CAPITALISMO, NÃO SE PREOCUPA PRIMARIAMENTE COM O BIOLÓGICO, COM O SOMÁTICO, COM O CORPORAL. Esse sistema descobre a psique como força produtiva.

A VIRADA PARA A PSIQUE E PARA A PSICOPOLÍTICA ESTÁ LIGADA À FORMA DE PRODUÇÃO DO CAPITALISMO ATUAL, DETERMINADO POR MODOS IMATERIAIS E INCORPÓREOS. São produzidos objetos intangíveis, como informações e programas.

O corpo deixa de ser fundamental como força produtiva, como foi na Sociedade Disciplinar.

Em vez de superar resistências corporais, trata-se de otimizar processos psíquicos e mentais, para o aumento de produtividade. O disciplinamento corporal dá lugar à otimização mental.

Para BCHAN, a técnica de poder NEOLIBERAL É O PONTO CEGO DA ANALÍTICA DO PODER DE FOUCAULT. SEGUNDO HAN, O REGIME NEOLIBERAL SE APROPRIA COMPLETAMENTE DAS TECNOLOGIAS DO EU, PARA AS QUAIS O ÚLTIMO FOUCAULT (anos 80) APONTOU.

O NEOLIBERALISMO NÃO SE APODERA DO INDIVÍDUO DE FORMA DIRETA. EM VEZ DISSO, GARANTE QUE O INDIVÍDUO, POR SI SÓ, AJA SOBRE SI MESMO, DE FORMA QUE REPRODUZA O CONTEXTO DE DOMINAÇÃO DENTRO DE SI E O INTERPRETE COMO LIBERDADE. HAN AFIRMA QUE ISSO ESCAPA AO PENSAMENTO DE FOUCAULT.

O corpo vira objeto de otimização estética e técnico-sanitário. Isso vai muito além de cirurgias, como nos lembram os termos sexy e fitness. A ortopedia disciplinar dá lugar à estética digital...

Poder disciplinar	Poder psicopolítico
pressiona os indivíduos, com coerções externas	Coerções internas: submissão por si mesmas
obstruir	Ativar, motivar e otimizar
Proibição e suspensão	Agrado e satisfação: sedução
Pessoas obedientes	Pessoas dependentes
Impor silêncios	Compartilhar tudo, incessantemente
Rejeita a liberdade Enfrenta resistências	Explora a liberdade: aparência liberal e afável. Não enfrenta resistências, pois baseia-se na auto-organização e na otimização voluntárias. Domina, buscando agradar e gerando dependência

O NEOLIBERALISMO É O CAPITALISMO DO CURTIR.

O poder disciplinar descobre a população como massa de produção e reprodução, que deve ser administrada meticulosamente. A biopolítica se ocupa dela. A reprodução, as taxas de natalidade e mortalidade, a qualidade da saúde, a estimativa de vida, se tornam objetos de controles regulatórios. **A biopolítica é a técnica de governança da Sociedade Disciplinar, mas é totalmente inadequada para o regime neoliberal, que, antes de tudo, explora a psique. A biopolítica não dá acesso ao psíquico, a demografia não fornece um psicograma da população, a demografia não é uma psicografia. Aí reside a diferença entre estatística x Big Data.**

O fluxo sem fronteiras na internet transformou-se em monitoramento e controle total.

Microsoft: primeiro slogan: “Aonde vc quer ir hj?”

Facebook: “no que vc está pensando?”

Mídias sociais se transformaram em panopticos digitais, justo para nós, que mal nos livramos do panopticon disciplinar.

A sociedade digital de controle faz uso intensivo da liberdade pessoal: ela é possível graças a autorrevelação e autoexposição voluntárias. Entregamos dados não mais por coação arquitetônica (Jeremy Bentham, 1748-1832), mas por uma necessidade interna.

Somos transparentes e lutamos por transparência. Forças neoliberais movem-se nesse campo. Recordando Foucault: “ a visibilidade é uma armadilha” (Vigiar e Punir).

Segredos, estranhamentos e alteridades são barreiras para a comunicação ilimitada. Somos convencidos a abertura total da nossa interioridade, a favor de uma comunicação sem limites

A partir do Big Data é possível extrair o psicograma individual e coletivo e, talvez, até o do inconsciente.

O NEOLIBERALISMO É UM SISTEMA INTELIGENTE. TUDO AQUILO QUE PERTENCE ÀS PRÁTICAS OU ÀS FORMAS DE EXPRESSÃO DA LIBERDADE É EXPLORADO: EMOÇÕES, JOGOS, COMUNICAÇÃO...

O NEOLIBERALISMO, COMO MUTAÇÃO DO CAPITALISMO, TRANSFORMA O TRABALHADOR EM UM EMPREENDEDOR. CADA UM – COMO TRABALHADOR - EXPLORA A SI MESMO, PARA A SUA PRÓPRIA EMPRESA.

Segundo BCH, hoje acreditamos que não somos sujeitos submissos, mas que somos projetos livres, que se esboçam e se reinventam incessantemente. Temos esse sentimento de liberdade.

O EU como projeto, que acreditava em ter se libertado de coerções externas, está submetido a coerções internas, que aparecem como obrigações de desempenho e otimização.

Ser livre significava estar livre de coerções. Mas essa suposta liberdade produz ela mesma outras coerções. Doenças psíquicas : depressão e burnout são sintomas patológicos de uma crise de liberdade. **A AUTOEXPLORAÇÃO NEOLIBERAL NÃO TRANSFORMA OS EXPLORADOS EM REVOLUCIONÁRIOS. OS TORNA DEPRESSIVOS.**

O sujeito de desempenho é um servo de si mesmo, que explora voluntariamente a si mesmo.

O sujeito neoliberal, como empreendedor de si mesmo, é incapaz de se relacionar livre de qualquer propósito.

O NEOLIBERALISMO ESVAZIA O CONFLITO DE CLASSES. DAÍ RESULTA A ESTABILIDADE DO SISTEMA. O REGIME NEOLIBERAL TRANSFORMA A EXPLORAÇÃO IMPOSTA POR OUTROS EM AUTOEXPLORAÇÃO, QUE ATINGE TODAS AS CLASSES.

O ISOLAMENTO DO SUJEITO DE DESEMPENHO IMPEDE UM *NÓS POLÍTICO*, CAPAZ DE AGIR EM COMUM.

QUEM FRACASSA NO REGIME NEOLIBERAL DE DESEMPENHO CULPA A SI MESMO, E SE ENVERGONHA DISSO.

ESSA DINÂMICA GERA UMA NOVA FORMA DE SUBJETIVAÇÃO: O QUE SOMOS É DETERMINADO PELO CAPITAL, QUE NOS MODULA. PERDE-SE A RELAÇÃO IMANENTE DA VIDA CONSIGO MESMA. O que somos não é alcançado pela exploração criativa daquilo que é imanente a nós mesmos. O que somos é categorizado numa exterioridade transcendente, por uma instância – O CAPITAL – doadora de identidades, que nos coloniza com mantras neoliberais de desempenho.

O NEOLIBERALISMO TRANSFORMA O CIDADÃO EM CONSUMIDOR. A LIBERDADE DO CIDADÃO CEDE DIANTE DA PASSIVIDADE DO CONSUMIDOR. PARTIDOS POLÍTICOS TENTAM ATENDER AO ELEITOR CONSUMIDOR/CLIENTE: SATISFAZER OS ELEITORES... LEMBREMOS DO PERFIL “PESSOA AMEDRONTADA”, QUE GERA CUSTOMIZAÇÃO DE MSG DE PORTE DE ARMAS em campanhas eleitorais...

Caminhamos para a era da psicopolítica digital. Os BiG Datas são um instrumento psicopolítico muito eficiente, que permite um conhecimento abrangente da comunicação social.

Lidamos com aparatos que permitem intervir na psique, com poder de influenciá-la, num nível pré-reflexivo.

BCHAN apresenta algumas metáforas para problematizar a nossa atualidade. O smartphone é um objeto digital de devoção. O curtir é o amém digital. O smartphone, mais do que um aparelho digital, virou um confessorário. O Facebook é a igreja ou sinagoga do digital...

A PSICOPOLÍTICA NEOLIBERAL INVENTA FORMAS DE EXPLORAÇÃO CADA VEZ MAIS REFINADAS.

WORKSHOPS DE GESTÃO PESSOAL, FINS DE SEMANA MOTIVACIONAIS, SEMINÁRIOS DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL E TREINAMENTOS DE INTELIGÊNCIA EMOCIONAL, PROMETEM A OTIMIZAÇÃO PESSOAL E O AUMENTO DA EFICIÊNCIA, SEM LIMITES

NÃO SE EXPLORA APENAS A JORNADA DE TRABALHO, MAS A PESSOA POR COMPLETO, A ATENÇÃO TOTAL...

IMPERATIVO NEOLIBERAL DE OTIMIZAÇÃO PESSOAL: BLOQUEIOS, DEBILIDADES E ERROS DEVEM SER REMOVIDOS TERAPEUTICAMENTE, PARA MELHORAR A EFICIÊNCIA E O DESEMPENHO. TUDO É COMPARÁVEL, MENSURÁVEL E SUJEITO À LÓGICA DO MERCADO.

A palavra mágica da literatura de autoajuda norte-americana é curar. Trata-se de promover a otimização pessoal, curando terapêuticamente qualquer fraqueza funcional ou bloqueio mental, em nome da eficiência e do desempenho. Isso conduz ao colapso mental.

A ideologia neoliberal de otimização pessoal funciona como religião, e representa um novo modo de subjetivação. Ao invés do pecado procura-se pensamentos negativos. O EU luta contra si mesmo, como se fosse um inimigo.

Hoje se fala muito de sentimento e emoção. Muito se pesquisa sobre aspectos emotivos. O ser humano deixou de ser o animal racional para tornar-se a criatura sensível. Há uma confusão geral: emoção, sensação, afetos? Sentimento tem duração... angústia é sentimento, não emoção. Através da emoção, as pessoas são profundamente atingidas. Há todo um campo para o design emocional... O emocional é um meio muito eficiente para o controle psicopolítico do indivíduo.

O capitalismo neoliberal/emocional gamifica o mundo do trabalho e da vida. O jogador, com suas emoções, está muito mais envolvido do que um trabalhador meramente funcional, ou que atua apenas no nível racional. Sistemas de recompensas geram mais desempenho e rendimento. Existe gamificação do trabalho, mas também na comunicação social... Busca-se gratificações por meio de *likes*, amigos ou seguidores. Tudo monetizado.

Big Datas são tb big deal ... grandes monitoramentos se fundem com grandes negócios. Monitoramento e mercado se tornam um. Nos tornamos pacotes de dados, que podem ser tratados, comercializados e explorados economicamente

A psicopolítica neoliberal é a técnica de dominação que estabiliza e mantém o sistema, através da programação e do controle psicológicos.

Referência: BYUNG-CHU HAN Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder Ed. ÁYINÉ, MG, 2018, 7ª. edição

CINTHIA MONTEIRO

Co-autora do livro “A Sociedade de Controle”, Ed. Hedra, 2018, Cinthia Monteiro “PRODUZ UMA REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS DE MODULAÇÃO, A BIOPOLÍTICA E A ATUAL ORDEM NEOLIBERAL QUE DOMINA O SISTEMA ECONÔMICO E SOCIAL”. (p11)

Usa referências de Antonio NEGRI (1933-) e Michael HARDT (1960-) , autores de “Bem-estar comum”, 2012, RJ, Record. Utiliza ideias de Yuk Hui, pensador chinês, extraídas de artigos de revistas e jornais.

Negri e Hardt comentam a biopolítica do trabalho. André Gorz (1923-2007) esclarece que o valor dos bens de consumo na economia global está cada vez mais subordinado a fatores e bens imateriais (valor de troca, dissociado de itens como quantidade de trabalho investido na produção do produto, mais relacionado a construção de identidades e projeções de personalidade), ou seja, não se relaciona a utilidade, ao valor de produção, números de produção, mas a uma construção identitária, relacionada aos itens de consumo.

A exploração do trabalho desenvolve uma nova faceta, quando além de gerar riqueza através da força de produção, também relaciona seus “produtos” com a identidade do trabalhador, incluindo uma dinâmica de exploração biopolítica do trabalho.

Isso vai tornando menos visível a luta de classes, uma vez que constrói novos perfis de identidade a serem almejados pela classe trabalhadora (Negri e Hardt).

Surge uma nova versão do *self made man* (o homem que se fez pelo mérito, pelo esforço pessoal, pelo trabalho): um empresário de sua própria força de trabalho, que se pensa como uma empresa, que providencia seu próprio status através da sua formação, empreendedorismo, capacitações...

Isso modela cada indivíduo e os processos de subjetivação. Diminuem os aparelhos repressivos punitivos, porque crescem os modelos de direcionamento das vontades individuais.

O biopoder se legitimava pela racionalidade científica aplicada...Agora o poder se legitima pela psicologia e assimilação, simbiose do trabalhador com o que ele produz (status)... Todos somos formatados em formas psicossociais: não nos dividimos mais em opressor/oprimidos... todos temos ansiedade, stress, depressão, distúrbios de sono...**Somos de uma mesma tribo digital.**

A modulação é esse mecanismo que sujeita os indivíduos sem necessariamente utilizar da coerção física e normativa do corpo, típicas do biopoder analisado por Foucault. O indivíduo se autocontrola não por causa do panoptismo de um vigia na torre, mas por espelhar-se no ideal de indivíduo bem sucedido, empreendedor, que se administra como uma empresa.

Yuk Hui trabalha obras de Deleuze e Simondon.

Para ele a modulação de Deleuze consiste na mudança da imposição (tipicamente disciplinar) para a autorregulação dos indivíduos. Buscam tornarem-se flexíveis, para atenderem bem e fluir em meio às demandas mercadológicas e sociais.

Isso faz com que o indivíduo tome por real algo não verdadeiro, como a autonomia do suposto autoempreendedorismo.

A precarização do trabalho recebe uma glamourização neoliberal: um vendedor de cachorro quente se transforma em MEI (microempresário); seu carrinho vira um food-truck

O controle por modulação engana o trabalhador, com uma suposta liberdade de gerenciar sua vida e seu tempo. É o mantra da pejetização.

Trabalhe quando quiser e horas flexíveis mascaram trabalhos intermináveis. Ouve-se o tempo todo: “Saia de sua zona de conforto!” Na realidade, “ trabalhe quando quiser” significa “trabalhe o tempo todo”.

O neoliberalismo transforma a modulação em automodulação. A modulação se expressa na assimilação e auto-regulamentação, e na perpetuação disso, pela sua amplificação nos padrões sociais. O sujeito da modulação é vítima e amplificador de seus mecanismos.

SHOSHANA ZUBOFF

Professora emérita da Escola de Negócios da Universidade de Harvard, 69 anos. Lecionou no Centro Berkman Klein, que pesquisa as relações entre internet e sociedade. Formação em filosofia pela Universidade de Chicago e doutora em psicologia social pela Universidade de Harvard.

Autora de “A ERA DO CAPITALISMO DE VIGILÂNCIA. A luta por um futuro humano na nova fronteira do poder”, obra de 2019, traduzida para o português em 2021, pela Editora Intrínseca.

Capitalismo de vigilância

8 definições:

- 1) Uma nova ordem econômica que reivindica a experiência humana como matéria-prima gratuita para práticas comerciais dissimuladas de extração, previsão e vendas
- 2) Uma lógica econômica parasítica na qual a produção de bens e serviços é subordinada a uma nova arquitetura global de modificação de comportamentos
- 3) Uma funesta modificação do capitalismo marcada por concentrações de riqueza, conhecimento e poder, sem precedentes na história da humanidade
- 4) A estrutura que serve de base para a economia da vigilância
- 5) Uma ameaça tão significativa para a natureza humana no século XXI quanto foi o capitalismo industrial para o mundo natural nos séculos XIX e XX
- 6) A origem de um novo poder instrumentário que reivindica domínio sobre a sociedade e apresenta desafios surpreendentes para a democracia de mercado
- 7) Um movimento que visa impor uma nova ordem coletiva baseada na certeza total
- 8) Uma expropriação de direitos humanos críticos que pode ser mais bem compreendida como um golpe vindo de cima: uma destituição da soberania dos indivíduos

Se é para o futuro digital ser o nosso lar, então cabe a nós torná-lo o nosso lar. E precisaremos saber. E precisaremos decidir. E precisaremos decidir quem decide. Essa é a nossa luta por um futuro humano (página 79).

Segundo Zuboff, até agora lutávamos contra a possibilidade de destruição da natureza pelo capitalismo industrial. Teremos que lutar contra a possibilidade de destruição da natureza humana pela IA.

FOUCAULT

Devemos recordar que, para Foucault, sujeitos ou subjetividades são **formas** criadas por **processos**, denominados como modos de subjetivação.

Em uma entrevista publicada no jornal LE MONDE, em 15-16 de julho de 1984, p. XI, com o título “Uma estética da existência”, Foucault afirmou:

“ É preciso distinguir. Em primeiro lugar, penso efetivamente que não há um sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em todos os lugares. Sou muito cético e hostil em relação a essa concepção de sujeito.

Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através das práticas de sujeição ou, de maneira mais autônoma, através de práticas de liberação, de liberdade, como na Antiguidade – a partir, obviamente, de um certo número de regras, de estilos, de convenções, que podemos encontrar no meio cultural.” Disponível em Ditos e Escritos, volume 5, Forense Universitária, p 291.

Temos modos de subjetivação individuais e coletivos.

Ao escapar das armadilhas montadas em diferentes jogos de verdade, nos livramos de um obstáculo ao modo de subjetivação com elevado grau de autonomia e liberdade. Experimentaremos um processo no qual o coercitivo cederá espaço para o facultativo. O dever-ser será superado por uma automodulação, por uma autarcia, a partir de um artesanato interior, estabelecido em meio a jogos consigo mesmo, numa experiência ética.

BCHAN COMENTA A ÉTICA FOUCAULTIANA, a partir de uma extração nietzschiana (1844-1900): A arte de viver como prática da liberdade (uma proposta ética de Foucault) deve assumir a forma de uma despsicologização. Ela desarma a psicopolítica como meio de submissão. O sujeito é despsicologizado, esvaziado, para que se torne livre e aberto à forma de vida que ainda não tem nome.

Epígrafes: “A Sociedade de Controle” Ed. Hedra, 2018, página 7

Os indivíduos tornam-se ‘dividuais’, divisíveis, e as massas tornaram-se amostras, dados, mercados ou ‘bancos’.

(Deleuze, *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*)

Sublinhou-se recentemente a que ponto o exercício do poder moderno não se reduzia à alternativa clássica “repressão ou ideologia”, mas implicava processos de normalização, de modulação, de modelização, de informação, que se apóiam na linguagem, na percepção, no desejo, no movimento, etc., e que passam por microagenciamentos.

(Gilles Deleuze; Félix Guattari, *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 5*)

A expressão e a efetuação dos mundos e das subjetividades neles inseridas, a criação e realização do sensível (desejos, crenças, inteligências) antecedem a produção econômica. A guerra econômica travada em um nível planetário é assim uma guerra estética, sob vários aspectos.

(Lazzarato, *As Revoluções do Capitalismo*)